

Capítulo 2 - Brasil: A união do design com o artesanato

Neste capítulo abordaremos a ativação da atividade artesanal e as políticas a ela relacionadas no Brasil. O artesanato neste capítulo engloba as atividades centradas no trabalho manual, abrangendo o artesanato tradicional e o moderno. A ativação da atividade artesanal se deu pela combinação das políticas sociais com a política de exportação, influenciando fortemente o design. As mudanças apresentaram potencial para a formação de uma sociedade sustentável e ao mesmo tempo uma sugestão de como deve ser uma política para o design.

2.1 Um país com potencial e dificuldades

O Brasil é um país que possui potencial em vários sentidos, porém apresenta dificuldades relacionadas ao desenvolvimento. É um país que tem um território equivalente a 22,5 vezes a área do Japão, rico em petróleo, minério de ferro e outros recursos naturais, mas, por outro lado, apresenta vários problemas como a desigualdade social e regional, pobreza, problemas urbanos e problemas ambientais. O país se caracteriza pela diversidade da sua composição racial, cultura, clima, natureza *etc.* Ou seja, mesmo tendo como objetivo a formação de uma sociedade sustentável é um país que carrega diversos problemas e um grande potencial. Como o BRICS¹² mostrou recentemente, o Brasil é um país “emergente” que chama a atenção por apresentar potencial para um grande crescimento econômico. As exportações também apresentam um bom desempenho e o PIB per capita atingiu cerca de 12,789 dólares (2011, FMI).

Após a colonização, o Brasil se especializou nos produtos primários e adotou medidas de industrialização e substituição de importações, o que levou ao desenvolvimento acelerado e a degradação do ambiente produzida pelos processos industriais e pela urbanização. Na política predomina a instabilidade e na economia as incertezas, conhecidas como “risco Brasil”. No final de 1990, o governo Fernando Henrique Cardoso conseguiu trazer a estabilidade à macroeconomia através da mudança para o liberalismo econômico. Ele se empenhou na inclusão social pois tinha como objetivo um estado social liberal, mas apesar disso o desemprego aumentou, assim como também os empregos informais foram crescendo e não houve uma melhora na distribuição de riquezas. Porém já nessa época observava-se que havia movimentos por parte dos cidadãos para superar estes problemas, principalmente pela ativação da economia solidária. Esta tem como princípios a autonomia, a cooperação e a democracia e, teoricamente, as pessoas que estão na base da

pirâmide social cooperam entre si e tem como objetivo a criação de empregos e a melhoria do padrão de vida. No Brasil, devido à falta de capital e investimento por parte da administração pública, as ONGs, cooperativas, empresas autogestionárias e fundações do terceiro setor geraram empregos e empreendimentos em diversas áreas. Diferente do Japão, onde o terceiro setor é uma organização empreendedora composta pela união do 1º setor (esferas do estado) com o 2º setor (empresas privadas), no Brasil o terceiro setor não é um setor público do estado ou de um município, e também não é um setor privado que visa o lucro, mas sim um setor de formação privada que tem responsabilidade social. No governo Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011) observase a promoção do liberalismo econômico junto à preocupação com a política social. Em 2003 Lula criou o Plano Plurianual (PPA) que visava o fortalecimento da democracia e consistia no fim dos descontentamentos: na união, no aumento de emprego e renda, na redução da desigualdade, no crescimento econômico sustentável preocupado com as questões ambientais e no aumento dos direitos sociais. As políticas de ajuda financeira às camadas de baixa renda trouxeram bons resultados e observou-se uma melhora no coeficiente de Gini¹³. O governo de Dilma Rousseff (2011-2016), deu continuidade às medidas políticas tomadas no governo de Lula, com prioridade nas questões de bem-estar social, seguridade, educação e segurança pública. O governo se posicionou para promover a economia solidária de forma ativa, apoiando financeiramente e legalmente esta ação.



Foto 2-1 Edifícios no centro de São Paulo



Foto 2-2 Favela que simboliza o problema da desigualdade social

Para a formação de uma sociedade sustentável no Brasil, em primeiro lugar é necessário atender os problemas sociais como a pobreza e o desemprego e diminuir a desigualdade social. No Brasil é bem notável a disparidade regional e econômica e para a sua amenização, é indispensável o desenvolvimento de recursos humanos locais (pessoas capacitadas), de indústrias regionais e a promoção das pequenas e médias empresas. Enquanto o Brasil não solucionar a questão da desigualdade e da pobreza, não conseguirá evitar futuros riscos impeditivos à formação de uma sociedade sustentável. Outro elemento indispensável para solucionar estes problemas é o terceiro setor, do qual se espera um desempenho amplo. Segundo, é necessário o aumento da competitividade das exportações e a diversificação das indústrias para atender o livre comércio e a globalização. Buscou-se a mudança da estrutura econômica, que dependia dos produtos primários, além da diversificação das exportações e uma maior capacidade de desenvolvimento dos produtos. E o mais indispensável de tudo: a ativação das pequenas e médias empresas, que representam a maioria das empresas nacionais e têm um papel importante não só economicamente como também socialmente. De modo que a sua ativação significa o desenvolvimento dos recursos humanos, a retificação da desigualdade regional e a diminuição da pobreza. Em terceiro, acabar com a poluição ambiental. Considerando o quanto isto pode afetar os outros países, pode-se dizer que é a questão mais importante. A conservação da Amazônia, por exemplo, é uma questão global. No Brasil há grandes danos às florestas e

ecossistemas, além do agravamento da poluição atmosférica por emissão de gases de veículos e indústrias, e da poluição da água devido aos esgotos domésticos e de fábricas. É necessário achar um equilíbrio entre o desenvolvimento e o ambiente. Há ainda as questões de deterioração do ambiente vivo e o atraso nas medidas de gerenciamento dos resíduos sólidos. Todas essas questões levantadas estão ligadas diretamente uma à outra, e podem influenciar na formação de uma sociedade sustentável.

2.2 O florescimento do mundo do design

No Brasil a promoção do design foi tratada como uma política nacional a partir da fundação do Programa Brasileiro do Design (PBD) pelo Ministério do Comércio e da Indústria em 1995. Até então, a atividade do design apresentava progressos, por causa das medidas de substituição de importação. Até então, o design original brasileiro ficou estagnado até os anos 90. O liberalismo econômico gerou uma necessidade de dar importância às medidas políticas de design para aumentar a concorrência internacional e a capacidade de desenvolvimento de produtos nacionais. E os resultados logo chamaram a atenção. Um deles é a notabilidade mundial do design de moda e uma maior expansão das exportações dos produtos de designers. A moda brasileira conseguiu maior visibilidade no mundo com o apoio da APEX (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos), eventos como Fashion Week e a fundação da ABEST (Associação Brasileira de Estilistas). Em 2005, na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) foi criada a Pós-graduação em moda e arte brasileiras. Observa-se uma tentativa de desenvolvimento da moda brasileira com a administração conjunta da FAAP, da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e do Museu de Arte de São Paulo.

Esse progresso não se limita apenas à área da moda, mas também ao design de produtos, onde o Brasil tem sido cada vez mais destacado. Como mostra o grande aumento de prêmios recebidos: em apenas 3 anos ganhou mais de 60 prêmios do *iF Design Award*, premiação anual muito renomada da Alemanha, demonstrando que o programa *Excellence Brazil* foi bem sucedido. Este programa consiste em promover a participação das empresas e dos designers nos concursos internacionais com as taxas de inscrição e fretes custeados pelo governo. Há também muitos concursos nacionais, como o maior concurso de

móveis da América do Sul, o Movelsul, e o de Criação do Paraná em Curitiba, que influenciaram muito o aperfeiçoamento do design. Além disso, a figura dos grandes designers irmãos Campana influenciou muito na ativação do design. A maioria das obras dos Campana foram pensadas a partir da sociedade brasileira, como por exemplo, a cadeira feita de sarrafos de madeira, um material encontrado nas ruas; a cadeira de bichos de pelúcia, que é uma colagem deste brinquedo encontrado em qualquer lugar. A produção singular dos irmãos foi reconhecida mundialmente e foi divulgada inclusive nas revistas do Japão. No Brasil também houve um crescimento das faculdades de Design por todo o país, atingindo mais de 100 unidades. No ano de 2006 em Curitiba aconteceu o 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design com cerca de 900 pessoas no evento, 1.098 publicações enviadas, das quais 408 avaliadas e apresentando diversos temas. Nota-se um grande aumento das pesquisas e práticas relacionadas ao ecodesign e a importância do design social, de artigos sobre as práticas da atividade artesanal e sobre a busca da produção de um design ideal do ponto de vista cultural. Um exemplo do aumento mencionado foi o número de artigos publicados no congresso: entre 26 categorias, o design sustentável era o 3º de maior participação, seguido por design e cultura em 6º, design social em 7º e design de moda em 9º.

2.3 O que a ativação do artesanato proporciona

2.3.1 Notabilidade do artesanato e do seu desenvolvimento único

Desde as políticas de promoção dos anos 90, em pouco tempo o design brasileiro apresentou vários resultados, dentre eles a notabilidade do artesanato, que está mostrando o seu próprio desenvolvimento. O mercado artesanal no Brasil vem crescendo a cada ano, produzindo cerca de 2,8% do PIB, 28 bilhões de reais (11 bilhões de dólares) de acordo com o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. E há cerca de 8 milhões e 500 mil pessoas envolvidas na produção artesanal¹⁴. A ativação da atividade artesanal contribui para a solução dos problemas sociais e ambientais, além de causar uma grande influência na área de design de moda, apresentando características e cenários listados abaixo.

A atividade artesanal dentro da economia solidária

A Economia Solidária, também conhecida como Economia Social, tem no mundo 3 bilhões de pessoas envolvidas, 800 milhões de associados e 100 milhões de empregados (*Kyodokikaku* - Comitê Executivo de Tokyo, Osaka e Kumamoto, 2006, p.29). Esta forma de economia foi criada inicialmente como uma assistência mútua para responder aos problemas sociais que surgiram com a revolução industrial na Europa. Atualmente, o desenvolvimento regional resultante não é visto apenas na Europa, mas também no Canadá. E a partir de 1990 a América Latina apresentou um progresso espetacular, de modo que, em 2006 no Fórum Social Mundial (Venezuela), um terço dos temas estavam relacionados à economia solidária. Em 1998 foi realizado em Porto Alegre,

Brasil, o 1º Encontro Latino de Cultura e Socioeconomia Solidárias, onde foi formada a rede de economia solidária da América Latina. A economia solidária do Brasil gera acima de 6 bilhões de reais (cerca de 2 bilhões e 400 milhões de dólares) por ano e 18.878 empresas geraram 1.570.000 empregos¹⁵. No início de 1980 empresas autogestionárias formadas por trabalhadores das empresas que faliram devido à crise econômica, e associações de produtores e associações de consumidores organizadas por agricultores, pescadores e pessoas de baixa renda, vitimadas pelo programa de ajustes estruturais imposto pelo FMI, foram surgindo uma após a outra. Além disso, também surgiram muitas organizações diversificadas que apoiam a economia solidária, como a organização cristã Caritas. Em 2003, no governo Lula, foi fundada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) pelo Ministério do Trabalho, para a promoção da economia solidária, inclusive em nível municipal, como nas cidades de Porto Alegre e São Paulo e em nível estadual como no Rio Grande do Sul foram criados programas de apoio. Além disso, foi criada uma estrutura de apoio para a sociedade científica, a Fundação Unitrabalho (Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho).

A Economia Solidária tem como metas a criação de emprego e renda e a melhoria do padrão de vida, e para atingir as metas, muitas vezes utilizam o artesanato. As regiões e as comunidades que necessitam da economia solidária estão geralmente em regiões rurais, nas periferias das cidades ou são pessoas que não tiveram boas condições de vida. Como as formas para conseguir renda são limitadas, a produção e o comércio de artesanato utilizando os recursos naturais e culturais da região é a prática mais viável como atividade econômica. Recentemente no Brasil houve uma dinamização das atividades das ONGs. Destaca-se principalmente as atividades artesanais promovidas por ONGs que têm como base a ideologia da economia solidária. De acordo com as pesquisas da Universidade Johns Hopkins, em 1998 as ONGs do Brasil passaram a ter mais de 250 mil pessoas envolvidas, seu orçamento total atingiu 1,5% do PIB e ofereceu empregos para 1.200.000 pessoas (Câmara de Comércio e Indústria Japonesa do Brasil, 2005, pg.59). Dentro das ONGs que

praticam a economia social e ações sociais há também várias atividades relacionadas ao artesanato, artes e design e há uma ampliação das atividades comerciais realizadas através da internet.

Como por exemplo o Artesanato Solidário (ARTESOL), que é uma organização da sociedade civil que tem como objetivo o reerguimento do artesanato tradicional e a geração de emprego e renda. A ARTESOL realiza suas atividades cooperando tecnicamente e culturalmente com diversos indivíduos e grupos, além de parceiros financiadores tais como bancos, Ministério do Turismo, Ministério da Integração Nacional, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e outros. É uma organização que já desenvolveu cerca de 98 projetos em regiões pobres de 17 estados e envolveu mais de 5.000 artesãos nas suas atividades. Esta organização também realiza a atividade comercial do artesanato tradicional através do seu *website* ou no *showroom* de São Paulo, abrangendo mais de 500 produtos. Silvia Sasaoka, que trabalhou de 2002 a 2011 como consultora técnica desta ONG, aponta o significado da ativação do artesanato afirmando que “o objetivo não é só a geração de emprego e renda, mas também a recuperação da identidade cultural e conhecimento cultural, a educação ambiental e o fortalecimento do poder do cidadão”.



Foto 2-3 Showroom da Artesanato Solidário em São Paulo (2006)

A ONG Criola¹⁶ implementou o projeto Arte Criola, um projeto artesanal que visa o aumento da renda nas regiões pobres e o combate às injustiças raciais. Este projeto é formado por mulheres afrodescendentes que divulgam a cultura afro-brasileira através da atividade artesanal. A Criola foi criada inicialmente para propiciar o bem estar das mulheres com a ajuda financeira do Ministério da Saúde e grupos de empresas sociais. Porém, passou a visar a comoditização dos produtos, fundou a organização dos artesãos, ampliou as atividades para a melhoria das habilidades dos artesãos e se dedicou a divulgar os produtos em feiras e eventos. A organização conta com 26 pessoas que produzem cerca de 45 tipos de produtos¹⁷. A ONG Orientavida¹⁸ foi fundada em São Paulo em 1999 por quatro mulheres que visavam a geração de emprego. Ampliaram suas atividades reunindo 150 artesãos produzindo almofadas e bolsas e produtos bordados para a São Paulo Fashion Week, arrecadando por mês 1.100 reais (cerca de 440 dólares) de renda. E o Mundaréu¹⁹, criado em 2001, é um grupo formado por 7 mulheres com o objetivo de inclusão social e cultural do artesanato. Atualmente está desenvolvendo atividades com 70 grupos de produção artesanal em busca da ecologia. Dentro das atividades, há casos em que houve um aumento de 300% da renda.

Observa-se frequentemente a presença das atividades artesanais mesmo nas cooperativas que tem como atividade principal a economia solidária tradicional. O número de cooperativas observadas no ano de 2006 foi de 7.363 grupos em todo o estado (em 1990 houve um aumento de 3.340 grupos), 6 milhões e 500 mil associados e gerou 195.000 empregos diretos. A OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), fundada em 1971, representa todas as cooperativas do país e atualmente está dividida em 13 áreas como agricultura e pecuária, consumo, crédito, produção, saúde, emprego e outras. Na área de produção há 11 grupos de cooperativas de artesanato e nas outras áreas também estão presentes atividades relacionadas ao artesanato²⁰.

A atividade artesanal para ativação regional e das pequenas e médias empresas

A ativação regional e das pequenas e médias empresas é um elemento essencial para o desenvolvimento sustentável, se tornando cada vez mais relevante, independente se o país é desenvolvido ou em desenvolvimento. No Brasil também, com a diminuição da fragilidade da economia, dar importância ao papel das pequenas e médias empresas é um ponto relevante das políticas e vem crescendo. Principalmente os apoios à ativação das pequenas e médias empresas pelo SEBRAE são notáveis e esforços similares estão se fortalecendo por todas as regiões. A ativação regional e das pequenas e médias empresas é importante para solucionar as disparidades regionais e vários problemas sociais, e para o Brasil é um movimento importante em um duplo sentido. Por esta razão estão sendo implementados vários projetos que envolvem atividades relacionadas ao design e ao artesanato.

Como exemplo de projeto que visa solucionar os problemas via ativação regional, temos no Vale do Ribeira, estado de São Paulo, um projeto de produção de artesanato que utiliza os resíduos da agroindústria da banana. Tudo começou como uma alternativa econômica com assistência financeira da Secretaria do Desenvolvimento e Economia, Ciência e Tecnologia de São Paulo em 1991 no curso de Ciências Agrárias da Universidade de São Paulo, posteriormente se tornando um projeto cooperativo com ONG, agência administrativa, órgãos públicos nas escalas municipal, estadual e federal e fundo privado. A área produtora possui vários problemas socioeconômicos, ela gera cerca de 180-200 toneladas/hectares de resíduos de banana por ano, porém, pelo fato de ser uma área prioritária de conservação da biodiversidade, seu desenvolvimento econômico nesta região é limitado. O projeto já recebeu vários prêmios devido à sua produção de artesanato que contribui para a conservação das técnicas artesanais e do aumento da renda dos agricultores. Em 1998 este projeto foi exposto no Salone Del Mobile Milano (GARAVELLO, G MOLINA [2006]). Devido ao seu sucesso, foram implementados projetos semelhantes em outras regiões. O projeto do Cabo de Santo Agostinho no estado de Pernambuco produz uma cerâmica típica da região, propondo assim um produto diferenciado no mercado global. Esse projeto se

caracteriza não apenas como uma forma de ativação regional, mas também como fortalecimento da identidade regional, conservação do conhecimento tradicional, contratação de jovens, desenvolvimento e ensino para os artesãos e também pela preocupação ambiental por usar o gás natural no forno na hora da queima das peças (CAVALCANTI, *et al.* [2006]). Além disso em todo o país se observam também atividades desenvolvidas pelo programa do SEBRAE, como projetos nas comunidades indígenas e em uma região turística do Maranhão que utiliza fibras naturais para fazer artesanato²¹.

O intercâmbio do artesanato tradicional e do design moderno

Pode-se afirmar que a atividade artesanal surgiu antes da atividade do design, porém recentemente o interesse e a compreensão da cultura tradicional e do artesanato tradicional vem crescendo no Brasil e na área de design, desencadeando assim a união e o intercâmbio entre o artesanato tradicional e o design moderno, vistos em projetos de designers e organizações relacionadas ao design. Um exemplo é o designer têxtil Renato Imbroisi, conhecido por suas atividades na produção de um artesanato moderno junto com comunidades de regiões pobres do Brasil, que já produziam artesanato e chamaram a sua atenção (AXIS [2006] p.31). Nos 140 projetos implementados até agora, estão sendo criadas rotas para introduzir os produtos artesanais no mercado e para a venda, aumentando assim a oportunidade de exercer as atividades junto com os designers que aprovam seus projetos. A *Straat*, fundada em 2004 por Silvia Sasaoka e o administrador holandês Anton van Dort é uma empresa que realizou diversos projetos de residência reunindo estudantes de design de escolas europeias, americanas e artesãos brasileiros. Além de desenvolver produtos sustentáveis pela cooperação entre o designer e o artesão. Os produtos que provém da união do design de ponta e da manufatura da comunidade de baixa renda, são gerados pela atividade cooperativa em diversos lugares de fora e dentro do país, como por exemplo a empresa *droog design* da Holanda e a marcenaria

da Associação Cultural Monte Azul em São Paulo, artistas brasileiros, universidades *etc.* Sasaoka afirma que se interessou pelo artesanato tradicional e pelo movimento *Mingei* no Japão e por isso iniciou sua pesquisa sobre o tema. Existe um evento de negócios que pode se tornar moda futuramente no meio do artesanato que é o Craft Design, uma organização que apresenta novas coleções de designers selecionados semestralmente e tem como público pequenos comerciantes, arquitetos e decoradores. O evento apresenta edições especiais com empresas que trabalham com fibras naturais – chamando atenção para o design sustentável e empresas com responsabilidade social²².



Foto 2-4 Silvia Sasaoka, designer canadense e artesão de marcenaria no projeto de Straat

O uso do artesanato no design de moda

A São Paulo Fashion Week foi sendo notada mundialmente pelo seu alto nível. A coleção de outono-inverno apresentada em janeiro de 2006 comemorava os 10 anos do evento (20^a edição) e recebeu investimento de cerca de 270 milhões de dólares tornando se assim o quinto maior evento seguido de Londres, Milão, Nova Iorque e Paris (EDITORA BUMBA, 2006, N^o27, p.33-35). E com isso a moda se tornou a área com maior destaque nacionalmente também devido à presença das modelos e colaboração das telenovelas. Em 2003 com apenas cinco

membros foi fundada a Associação Brasileira de Estilistas (ABEST) e já em 2012 o número de membros aumentou para 56 designers²³. A ABEST, através da cooperação com a Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos (APEX), a partir de 2003 lançou o negócio para o exterior, oriente médio e Japão, conseguindo assim atingir o faturamento em 2005, no valor total de exportações, de 15 milhões de dólares (em 38 países) e em 2008 atingiu 20 milhões de dólares (em 48 países). A vice-presidente da ABEST, Angela Hirata, famosa por transformar a Havaianas (marca de sandálias de borracha) em um produto internacional, afirma: “A ‘brasilidade’ da moda brasileira é impossível de ser reproduzida por nenhum outro país, pois o Brasil é um país formado pela mistura de várias raças e culturas, é um país que consegue existir pela cooperação entre as pessoas e isso faz ele ser único e ter a sua identidade própria”. Ainda afirma que “Com a formação da ABEST e a ajuda financeira da APEX na promoção para o exterior, se conseguiu dar continuidade à difusão da moda brasileira pelo mundo”.

O governo anunciou medidas para a promoção das exportações na área de confecção e têxtil, e assim a APEX e a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT) cooperaram formando assim a TEXBrasil que implementou os projetos de promoção das exportações. Até 2004 se dedicaram a melhorar a imagem da moda brasileira e à sua popularização internacional, convidando 302 jornalistas estrangeiros para a feira comercial. Já em 2005 o total de produção da indústria têxtil e de vestuário correspondia a 5% do PIB, e o setor de processamentos a 17,1% com 1.600.000 empregados (é o segundo em processamentos sendo 80% mulheres, mais de 30 mil empresas no ramo e um faturamento de 22 bilhões de dólares). E 2 bilhões e 200 milhões de dólares em exportações, ocupando 3% de toda a exportação brasileira com 2.000 empresas participantes, sendo o oitavo na produção têxtil mundial e o 7º na confecção mundial (Instituto de Estudos e Marketing Industrial, 2006).

Apesar do mundo da moda ser o mais crescente no mercado, ele exige muito da criatividade e é um setor com alto valor agregado. Como característica da moda brasileira usa-se o

artesanato tradicional manual para fazer o design de luxo, e este tipo de artesanato utiliza materiais naturais e por isso a maioria é considerada como ecodesign. Um exemplo é que a união de fabricantes de roupas da região do Pantanal utiliza corantes providos de plantas ou de animais locais e acessórios artesanais dos índios (ossos de animais, chifre de boi, pele de peixe etc.) e parte do lucro adquirido é usado nos programas de conservação ambiental (Câmara de Comércio e Indústria Japonesa do Brasil, 2006, p.169).



Foto 2-5 Acessórios baseados em materiais naturais e técnicas tradicionais

A Dois Pontos é uma coleção que pertence ao projeto “Talentos do Brasil” organizado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, exibida em uma exposição em janeiro de 2007 na feira de moda do Rio de Janeiro. No estado da Paraíba envolve 5 comunidades que produzem camisas, bolsas e roupas com rendas e bordados, cerca de 150 tipos de produtos. Atividades semelhantes existem no Amazonas e Minas Gerais, envolvendo mais de 2 mil artesãos e acontecem em mais de 40 cidades. Este projeto uniu o artesanato (como segunda fonte de renda dos agricultores) com a moda brasileira, desenvolvendo produtos que utilizam materiais tradicionais como a pedra opala e fibras naturais. De acordo com a consultora de mercado do projeto, a renda mensal dos artesãos aumentou de 50 reais para 300 a 500 reais e em 2006 participou

de 4 feiras de negócios onde conseguiu atingir 260 mil reais (cerca de 100 mil dólares) em vendas²⁴.

No mundo da moda não existe apenas o vestuário, há uma grande demanda também por acessórios, bolsas e sapatos, e o Brasil possui um grande potencial neste segmento. Observam-se vários movimentos para a formação de uma identidade nacional e como negócio está conseguindo manter o sucesso. O Professor e coordenador da área de moda da FAAP, Ivan Marcos Caminada conta, enquanto mostra fotos de brincos feitos de renda, que a visibilidade do artesanato está criando um design brasileiro. Ele explica: “Essas maravilhas têm a aplicação do artesanato tradicional e apresentam o novo design brasileiro”. No design de bolsas, está aumentando o número de designers que trabalham no seu próprio ateliê para desenvolver os produtos em vez de trabalharem para empresas grandes e famosas. Como representantes disso, temos as marcas Doll e Serpui Marie que são muito apreciadas por terem produtos feitos à mão, já exportados também. Alguns produtos artesanais dessas marcas já se tornaram atividade social ao cooperarem com ONG (ASSOCIAÇÃO OBJETO BRASIL, 2005, p.85). O setor de joalheria e acessórios do Brasil também tem um nível elevado, isso se deve ao fato de que na década de 90 o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP) e o Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM) promoveram atividades em cooperação com Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), SENAI e SEBRAE, iniciando assim cursos especializados nas universidades, criando prêmios de design e fortalecendo a infraestrutura. Com a cooperação da APEX houve uma assistência para a exportação de acessórios e os vários prêmios internacionais recebidos promoveram um grande apreço por parte do mercado (ASSOCIAÇÃO OBJETO BRASIL, 2005, p.93-97).

Atividades que visam o ecodesign e o design social

Recentemente entre os alunos formados em design, vem se dinamizando as atividades comerciais e/ou os negócios

vinculados à produção artesanal que tem como objetivo promover o design social e o ecodesign. Por exemplo, o Design Possível é um negócio conjunto de produção e venda baseado nos valores de ecodesign e design social formado em 2004 em cooperação com a ONG Monte Azul, a Universidade Presbiteriana Mackenzie e os alunos de design industrial da Universidade de Florença (Itália). O projeto considera o design como uma ferramenta de mudança social e atua ativamente visando o aumento da renda das comunidades de regiões pobres²⁵. Ayra Kitahara, formada em design na FAAP afirma: “Já faz alguns anos que ações como o Design Possível vem chamando a atenção entre os estudantes de design”. A empresa da Paula Dib, formada em design industrial na FAAP recebeu o International Young Design Entrepreneurs of the Year, promovido pelo British Council em 2006. Empresas como a dela simbolizam bem as ações realizadas através do artesanato por estudantes e formados. A empresa de Paula, a Trans.Forma²⁶ é consultora de design sustentável, especificamente em projetos artesanais nas comunidades pobres do Brasil. Ela trabalhou com uma grande indústria de papel e assim participou no desenvolvimento do artesanato em comunidade que trabalha na plantação de eucalipto no sul da Bahia. Utiliza os resíduos do eucalipto para desenvolver produtos e o sucesso desse projeto foi reproduzido em outras comunidades da Bahia e de São Paulo²⁷.

Eventos e feira de artesanato

Todo ano acontece em Belo Horizonte a Feira Nacional de Artesanato (Expominas) que é a maior da América Latina. O evento iniciou em 1989, com 60 estandes e 200 vendedores. Já em 2006 tinha cerca de 8.000 vendedores (952 estandes), estrangeiros e nativos, e recebeu 170 mil visitantes (15 mil turistas) movimentando mais de 14 milhões e 300 mil dólares durante 6 dias. A feira oferecia a oportunidade do comprador do exterior e o artesão negociarem diretamente, aumentando a cada ano a quantidade de exportações, que em 2006 atingiu 1 milhão e 250 mil dólares. Além disso, nesta feira há uma área chamada

handcraft design que é dedicada ao design contemporâneo com grande potencial para o mercado exterior. Também estão na programação palestras, seminários e workshops. Sem mencionar a dinamização dos negócios, um ambiente empreendedor com empresas de embalagens, tradutores de línguas estrangeiras, tecnologias digitais de comunicação na exposição além de muitas outras inovações como assistência médica, creche, concertos, restaurante e vários serviços de transporte, resultado da sua repercussão. Esta feira faz parte do Calendário Brasileiro de Exposições e Feiras do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) mas ao mesmo tempo é um evento patrocinado pelo mecanismo de renúncia fiscal da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura²⁸. Há ainda a participação, em alguma associação, de 63% dos artesãos que exportam seus produtos, pois a administração envolve muito a atividade conjunta de associações (CENTRO CAPE, 2006, <http://www.centrocape.org.br/>). No Brasil existem outros eventos e feiras artesanais vinculados ao turismo e outras iniciativas.

2.3.2 O significado da ativação do artesanato e a “artesanização” do design

Analisaremos a situação de ativação do artesanato do ponto de vista da formação de uma sociedade sustentável, e por isso, primeiro iremos esclarecer esta característica e depois pensar na sua relação com a sustentabilidade.

Se analisamos cada atividade da área do artesanato no Brasil, podemos perceber pontos semelhantes entre cada uma delas, citadas a seguir. Em primeiro, a maioria delas tem a ideologia da economia solidária como fundamento e por isso são atividades que visam solucionar os problemas sociais. No Brasil essa ideologia se propagou rapidamente onde as pessoas têm muita consciência em relação às questões de pobreza e desigualdade, e por isso a atividade artesanal é considerada em regiões que não possuem uma base, uma forma estruturada de geração de emprego e renda, além de ser uma atividade que envolve profundamente a inclusão social. Em segundo, principalmente o

terceiro setor como as ONGs, cooperativas, organizações e associações, está promovendo as atividades artesanais. E entre elas estão os grupos relacionados ao design. Em terceiro, seja artesão, designer, ONG ou afins, estão se unindo com empreendimentos ou atividades comerciais, e pelo fato de o principal objetivo da atividade artesanal ser a geração de renda e emprego, esta ação é mais do que necessária. Além do aperfeiçoamento das técnicas artesanais, as atividades comerciais tornam-se ainda mais importantes como a criação de um canal de vendas e marketing. E observa-se bastante a participação do comércio justo, o uso de novas tecnologias de informação e comunicação, e a aceleração do empreendedorismo por parte dos eventos e das feiras na economia solidária. O Brasil é um país conhecido pela alta porcentagem de empreendimentos, de acordo com as pesquisas da *Global Entrepreneurship Monitor* da Inglaterra em 2001, a porcentagem de indivíduos que começaram um novo negócio no Brasil é maior do que nos EUA (NINOMIYA, YASUSHI, 2005, p.101). É fato que as atividades relacionadas ao design e ao artesanato, adequadas para o empreendimento de pequena escala, de ONG e empresas sociais não podem ser ignoradas. Em quarto, a ativação do artesanato está criando uma onda de design. Por exemplo o design de moda, que se baseia e usufrui de técnicas e formas de expressão do artesanato para criar produtos diferenciados e novos valores, resultando um novo design único e brasileiro. Além da área de moda, se observa a união do design moderno com o artesanato e o crescimento da atividade de design que não produz em massa. Percebe-se que ao mesmo tempo em que ocorre a dinamização das atividades do design industrial, que inclui a utilização de materiais regionais, de técnicas, formas de expressão e conhecimento do artesanato, independentes da escala de produção, ocorre também o aumento da valorização do trabalho manual através do design industrial. Nas atividades industriais é necessário produzir em pequenos lotes na maioria das vezes, e isso não quer dizer que a atividade do design está retrocedendo para a atividade artesanal como ocorria antes do design moderno. Essa produção que aplica a essência do artesanato pode ser denominada como “artesanização do design” e está

criando uma onda de design. A artesanização do design, que está muito atrelada ao ecodesign e ao design social, propõe uma finalidade social para a atividade, ou seja, podemos denominá-la de “socialização do design”. Em quinto, a maioria das atividades trabalha com os recursos naturais e técnicas locais, e por ser artesanal não causa tantos danos ao meio ambiente, podendo assim ser considerada uma atividade que promove a ecologia. As características citadas estão sintetizadas na Figura (2-1) abaixo.

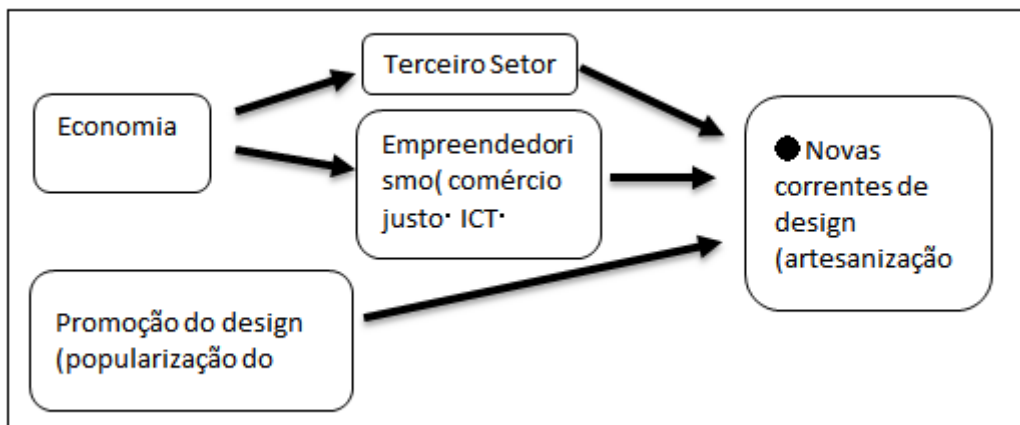


Figura 2-1 As características e as relações da ativação do artesanato

Aqui examinaremos o que essas características citadas significam para a formação de uma sociedade sustentável no Brasil.

A primeira característica, a prática da economia solidária, surgiu inicialmente para diminuir os problemas sociais como o desemprego, a pobreza e a desigualdade. A ativação da atividade artesanal atuou para amenizar os problemas e para realizar a inclusão social. Essas práticas, conseqüentemente, ocasionaram a ativação das pequenas e médias empresas e a diversificação das indústrias. A segunda característica é a ativação do artesanato pelo terceiro setor, que também apoia as práticas da economia solidária e se empenha para a solução dos problemas sociais e da inclusão social, difícil de serem abordados no setor do mercado. E a produção flexível do terceiro setor permite a ativação das pequenas e médias empresas, a diversificação da indústria e a ativação da produção, o que em uma empresa grande não seria possível. A terceira característica é a união

entre o comércio e as empresas significando a geração de empregos e renda, ligada à amenização do desemprego, da pobreza e dos problemas sociais. As atividades comerciais e empresas que utilizam TCI e o comércio justo tornam-se responsáveis por facilitar as vendas e a produção dos produtos artesanais acarretando assim a geração de valores próprios, algo que não era possível na produção em massa. Esse valor próprio que os produtos artesanais têm na sua produção e venda, aceleram a ativação das pequenas e médias empresas e influenciam na diversificação da indústria. A quarta característica, a nova onda de design, consegue conservar as culturas tradicionais e ao mesmo tempo originar novos valores. Pode se pensar que a nova onda do design, que gerou bons resultados na economia como, por exemplo, a comoditização da moda, fomentou a criação de produtos de alto valor cultural e o posicionamento do produto, influenciando também na ativação das pequenas e médias empresas, na exportação e na diversificação da indústria e da economia. Esta nova corrente do design tem uma forte ligação com a economia solidária, ou seja, também está associada às práticas de amenização dos problemas sociais e à inclusão social. Além disso, como essa nova onda do design não é uma produção em massa e não se vincula ao consumo excessivo, ela se caracteriza por causar menos impacto ao meio ambiente. A quinta característica é a ecologização, a amenização dos problemas ambientais, uma das questões importantes do Brasil.

Portanto, as cinco características descritas anteriormente são catalisadores da amenização dos problemas sociais via inclusão social; da criação de valores, que inclui também a conservação da cultura tradicional; da diversificação da indústria e da economia em torno da ativação das pequenas e médias indústrias e da diminuição dos problemas ambientais e conseqüentemente a preservação do ambiente. Contribuem para as questões do Brasil e pode se afirmar sob diversos pontos de vista que são elementos que aumentam a possibilidade da formação de uma sociedade sustentável. Ou seja, pode se pensar que a ativação do artesanato no Brasil, contribuirá para a formação de uma sociedade sustentável (Figura 2-2). Mas, é

claro que o Brasil carrega vários problemas e comparado a outros países não tem tanto potencial para ser um país sustentável. Nem todos os projetos de artesanato tiveram sucesso e a própria prática da economia solidária apresenta limites e problemas (KOIKE, YOICHI, 2006). Na economia de mercado a sua área de desempenho é limitada e a sua escala é algo insignificante em comparação com a escala de produção gerada por uma empresa de grande porte. Porém, o fato de o quadro conceitual da economia solidária dar mais importância à sociedade do que à própria economia, faz com que ela recupere a sociabilidade nas atividades de design, o que gera uma produção de design com viés sustentável, importante para considerar as atividades futuras de design. O fato de a artesanização do design estar ligada à nova onda do design e à criação de produtos é significativa de uma alternativa de produção em massa de design pelos países desenvolvidos. Além disso, a artesanização do design possui grande possibilidade de fortalecer a própria forma da economia solidária.

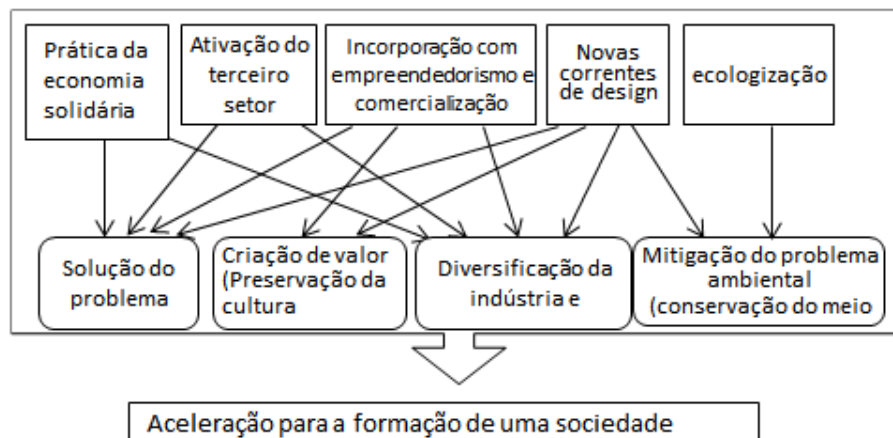


Figura 2-2 O significado das características da ativação do artesanato do ponto de vista da formação de uma sociedade sustentável

2.4 Políticas de promoção relacionadas à artesanização do artesanato

2.4.1 principal política de promoção

Atualmente, o design que se uniu com a atividade artesanal no Brasil, como visto anteriormente, é produzido por várias instituições e diversos projetos públicos em escala nacional. Abaixo, estão listadas as organizações e ações que influenciaram na artesanização e a nova onda do design no Brasil.

Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC

No MDIC há programas para promover o design e também para promover o artesanato.

Programa Brasileiro de Design – PBD

Em 1995 no contexto da modernização das indústrias foi fundado o PBD no MDIC como um projeto conjunto do governo federal com cerca de 100 organizações privadas. O Programa se empenhou principalmente na promoção do design através de projetos para produção de produtos de marcenaria e móveis, produtos de couro e calçados, têxteis e confecções, joias e acessórios. E na realização de concursos nacionais de móveis, no suporte a inscrições para as premiações do exterior, em fóruns e publicações relacionadas aos direitos de propriedade intelectual²⁹. A partir de 2005 como parte do PBD, em cooperação com o SENAI e o SEBRAE, foi lançado o Brasil Design que é um website onde pode ser pesquisado qualquer dado sobre design e ainda promovida a união e a cooperação de

diversas áreas e atividades de design do país todo³⁰. Para fortalecer a identidade do produto brasileiro e a qualidade do design, o Movimento Brasil Competitivo (MBC) teve a iniciativa de em 2006 realizar a 1ª Bienal Brasileira de Design. Com esta exposição, foi possível compreender as raízes da cultura, as influências que os produtos receberam e o planejamento do ponto de vista ambiental, simultaneamente ao fórum.



Foto 2-6 Exposição de trabalhos artesanais na 1ª Exposição da Bienal de Design

Programa de artesanato Brasileiro – PAB

O programa foi criado com o intuito de promover a comercialização dos produtos artesanais e fortalecer a associação dos artesãos, que é a base da produção. Em 1977 havia um programa de desenvolvimento do artesanato no Ministério do Trabalho, no entanto, em 1991 esse programa foi sucedido pelo Ministério da Atividade Social. Em 1995, ele foi reorganizado em um programa colaborativo entre Ministério da Indústria, Ministério do Comércio e Ministério do Turismo. Depois disso, tornou-se o programa do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Possui como base os princípios das pequenas e médias empresas, a geração de emprego e renda, o aproveitamento dos recursos regionais, o fortalecimento da produção conjunta e o incentivo à internacionalização. Entre 2000-2001 foram instalados Núcleos Produtivos de Artesanato

em 108 localidades de cada estado, incentivando a cooperação com grupos privados de cada estado e cada cidade e ONG. Para realizar a comercialização dos produtos artesanais, incentivam eventos e feiras, prêmios para o artesanato, projetos de produção artesanal vinculada com o turismo e o incentivo ao marketing. E em torno do Fórum Brasileiro do Artesanato, criado em 2005, onde são discutidas as medidas políticas, observa-se o fortalecimento das atividades do PAB³¹.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE

A organização de apoio às micro e pequenas empresas, SEBRAE, tem filiais em todos os estados e é uma organização da sociedade civil de Interesse público que possui uma rede com mais de 600 agências de serviços. No Brasil 99% das empresas são pequenas, com menos de 500 funcionários, e de acordo com os dados de 2003 o número de empregados é de 20.556.590 pessoas, sem contar os empregos informais (NINOMIYA, YASUSHI, 2006, p.99). Daí a importância dada às medidas políticas para a indústria e o comércio visando o fortalecimento das micro e pequenas empresas, e às atividades que cooperam com o desenvolvimento social. Os programas vinculados ao design são: Programa de Apoio Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (PATME) e o Via Design. O PATME, em cooperação com os centros tecnológicos de universidades ou instituições de pesquisa, oferece serviços de consultoria, além de financiar 70% dos custos do Projeto Design de cerca de 15 diferentes formas, dando suporte principalmente a assuntos como ergonomia, aprimoramento dos produtos, aperfeiçoamento das técnicas artesanais e ajuda técnica. Já o Via Design é um programa que facilita o acesso ao design através de 15 centros em cada região, 85 bases de produção para a inovação, escritórios de design do artesanato e se empenha no fortalecimento da rede. Além disso, há também programas de artesanato com promoção da comercialização e ações para a manutenção das técnicas e da tradição. Por exemplo, o SEBRAE de São Paulo em cooperação com uma ONG de design criou em 2003 o Núcleo de Inovação e Design para o Artesanato (NIDA - SP), que gera dados e

informações do mundo todo sobre projetos com produtos artesanais, feiras nacionais, distribuidoras, pequenos comerciantes, organizações não governamentais, técnicas e materiais.

Em 2002 inicia o programa CARA Brasileira³² para incentivar o fortalecimento da identidade brasileira de forma estratégica e elaborar uma pesquisa base para mapeamento das regiões e da “brasilidade” que condiz com os negócios turísticos, a moda *etc.* Essa pesquisa base tem como objetivos a ativação das pequenas empresas na área cultural, a inovação do patrimônio e promoção das atividades econômicas baseadas em patrimônio cultural (BRAGA, Christiano, 2003). No SEBRAE também existem programas que incentivam os empreendimentos e o comércio justo como o Projeto Empreendedor.

Outros programas e organizações que incentivam o design

Em cooperação com o PBD há também programas de promoção do design em vários estados, o Programa Bahia Design (fundado em 1996) é um deles. A região da Bahia é conhecida por ter uma grande população afrodescendente em regiões pobres. O programa consiste em introduzir o design nas empresas dessas regiões, melhorar a qualidade do artesanato baiano e revitalizar o artesanato regional. Foi formalizado um comitê formado por representantes do SEBRAE, Universidade do Estado da Bahia e Universidade Federal da Bahia, Federação do Comércio, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia; Federação das Indústrias e Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração, entre outros. Em 2000 foi criado neste programa um projeto chamado “Design e Artesanato” para aumentar a renda na região da Costa do Descobrimento, e por ser uma alternativa de desenvolvimento independente, cooperou com o projeto de desenvolvimento turístico do Nordeste, tornando-se um projeto de promoção regional³³. Também existem programas de inovação e gestão do design no SENAI. Há

recursos para a implementação dos projetos relacionados ao design do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior por parte do sistema de financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Na promoção do design, incluindo o website Design Brasil, muitas organizações apoiaram o PBD de várias maneiras, entre as quais o Centro de Design do Paraná³⁴ (Curitiba), Centro Carioca de Design (anteriormente uma divisão de design industrial dentro do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia), o Centro de Design de São Paulo fundado em cooperação com o Ministério da Ciência e Tecnologia de São Paulo, FIESP e SEBRAE São Paulo *etc.* Depois, reorganizado no SENAI-SP Design. Além disso, existem organizações de designers, de produtores de embalagens e várias associações profissionais que expandem a promoção do design.

Outros Ministérios e Agências

No Ministério do Trabalho e do Emprego, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) possui o Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES) constituído por 3 setores e 56 grupos. E dentro do Programa de Desenvolvimento da Economia Solidária há vários vínculos com o artesanato. Como organização principal em parceria com a SENAES, há o fórum da economia solidária do Brasil. Em 2006 foi coorganizada com o Ministério de Desenvolvimento Agrário, a 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária em Brasília. Compareceram 1.073 pessoas relacionadas ao governo, a organizações cooperativas e grupos civis que reafirmaram a função desta para a construção e o desenvolvimento sustentável, a justiça social e a democracia³⁵.

No Ministério de Desenvolvimento Agrário, foi implementado o projeto Talentos do Brasil pela Secretaria de Agricultura Familiar, que consiste no incentivo à produção do artesanato pelas famílias de agricultores e na comercialização dos produtos na área de design de moda.

A Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social do Ministério da Ciência e Tecnologia realiza a inclusão social através de programas que incentivam a melhoria do padrão de vida e a geração de emprego e renda, implementados no governo de Luis Inácio Lula da Silva. Visando colaborações articuladas, o fortalecimento das redes e o incentivo a técnicas sociais, foram implantados programas de inclusão e de ciência, tecnologias e inovação para o desenvolvimento social³⁶.

O Ministério da Cultura deu importância principalmente às práticas que envolvem a conservação e a promoção da diversidade das culturas.

A seguir uma tabela ilustrativa do que foi dito anteriormente:

Ministérios e Organizações	Programas	Objetivos e Função
Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços	• Programa Brasileiro de Design	Promoção do design Cooperação com a região
	• Programa de Artesanato Brasileiro	Promoção do artesanato Rede
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	• Via Design	Promoção das atividades de design Centro do Design Rede
	• Programa de Apoio à Tecnologia das Micro e Pequenas Empresas	Apoio tecnológico
	• Programa Artesanato	Promoção do artesanato Núcleos de artesanato
	• Programa CARA Brasileira	Fortalecimento da identidade Pesquisas da cultura brasileira
	• entre outros	Promoção do empreendedorismo Promoção da economia solidária Promoção do comércio justo
Ministério do Trabalho e Emprego	• Secretaria Nacional de Economia Solidária	Promoção da economia solidária
Ministério do Desenvolvimento Agrário	• Projeto Talentos do Brasil	Promoção da produção artesanal por famílias de agricultores
Ministério da Ciência e Tecnologia	• Secretaria da Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social	Promoção da inclusão social através da tecnologia
Ministério da Cultura		Conservação e promoção da diversidade cultural

Tabela 2-1 As principais políticas relacionadas à artesanização do design

2.4.2 As duas correntes que originam a artesanização do design

Ao pensar em políticas relacionadas com a artesanização do design e a ativação do artesanato no Brasil, vem em mente algumas características. A primeira característica é que não são apenas as políticas para as indústrias relacionadas diretamente ao design e o artesanato que realizam programas de incentivo e a ativação do artesanato, mas também o Ministério do Trabalho e Emprego, o Ministério do Desenvolvimento Agrário e vários outros ministérios, órgãos e grupos em escala governamental e nacional realizam políticas sociais. A geração de renda e emprego, o fortalecimento da cultura e da identidade, a conservação da cultura e das técnicas, a conservação ambiental, a ativação das micro e pequenas empresas, promoção dos empreendimentos, a ativação das indústrias turísticas, inclusão social, erradicação da desigualdade regional, solução dos problemas raciais, igualdade de gênero, respeito aos direitos dos deficientes, erradicação do trabalho infantil e muitas outras metas são expectativas associadas com as atividades artesanais. Observa-se uma estrutura que tem como principal método a associação de políticas sociais e políticas industriais, que funcionam mutuamente, envolvendo o campo cultural e o ambiental. A segunda, caracteriza-se pelo envolvimento do terceiro setor (ONGs, cooperativas, empresas sociais e grupos de empreendedorismo social) no Brasil como líder nas atividades do artesanato, devido à diversas políticas. A economia solidária originalmente se fundamenta na superação das questões que não podem ser resolvidas pelo setor de mercado nem tampouco pelo setor governamental, mas por meio do poder da sociedade civil. Portanto, os programas da Secretaria da Economia Solidária são organizados principalmente pelo terceiro setor. A presença do terceiro setor é fundamental para solucionar os problemas sociais no Brasil e do ponto de vista do artesanato o envolvimento do terceiro setor é indispensável. Além disso, há muitas ONGs, como Centros de Design e organizações relacionadas ao design. A terceira característica é que a promoção do design e a promoção do artesanato acontecem simultaneamente, e o

intercâmbio e a cooperação entre eles influencia positivamente e favorece a ambos. Intercâmbio e cooperação são características do design brasileiro e do artesanato.

Ao observar estas características, percebemos a existência de duas correntes: a primeira é a corrente estruturada nas políticas industriais centradas no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e SEBRAE, e das políticas sociais centradas no Ministério do Trabalho e Emprego, que influenciam o fenômeno de artesanização do design por meio de atividades do terceiro setor. E a segunda corrente é aquela onde as políticas de design e de artesanato atuam por meio do terceiro setor, incluindo ONGs e Universidades. A sobreposição dessas correntes ao contexto de artesanização do design, pode ser vista na Figura 2-3.

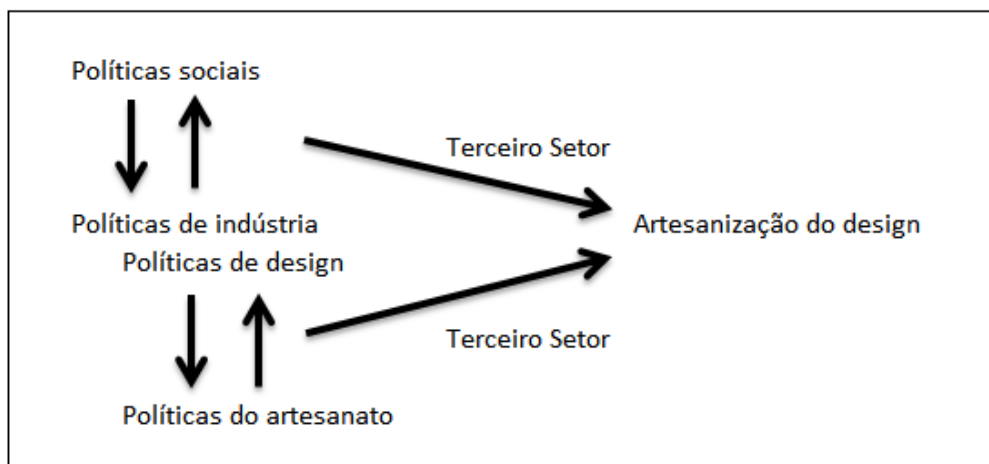


Figura 2-3 A relação da artesanização do design com as medidas políticas

A relação mútua entre a política industrial e a política social, e a relação mútua entre a política de design e a política de artesanato imprimem características e significados à situação atual por meio das atividades do terceiro setor.

E principalmente, as políticas sociais e as políticas de indústria se influenciam mutuamente, e isso promove a artesanização do design que pode contribuir para a formação de uma sociedade sustentável, como mencionado anteriormente.

Devido aos graves problemas sociais do Brasil, a cooperação entre a política social e a política industrial cresceu. No entanto,

no sentido real os problemas econômicos não podem ser separados dos problemas sociais.

Para garantir a sustentabilidade, a cooperação entre as políticas industriais e as políticas sociais foram efetivas em outros países, e os intercâmbios e cooperações por meio do terceiro setor mostraram a possibilidade das políticas de design daqui em diante.

2.5 As possibilidades do design com a artesanização

A ativação do artesanato no Brasil gerou uma nova corrente e a aceleração da artesanização do design, contribuindo de forma positiva para resolver os problemas do Brasil e apontando para a possibilidade de formação de uma sociedade sustentável. Qual o significado da artesanização para a própria atividade do design? E em relação aos valores culturais, ao sistema cultural e ao capital cultural, em outras palavras, qual o seu significado dentro do contexto cultural? Para analisar o significado e o papel da atividade do design do ponto de vista de uma sociedade sustentável, são indispensáveis as considerações a seguir.

A principal característica da atividade do artesanato que gerou a artesanização do design é a produção que garante a diversificação da expressão, que do ponto de vista da criatividade seria o mais próximo das “belas artes”, ou algo eminentemente artístico. Antes da concepção do design moderno não havia nenhuma forma específica de diferenciar a arte do design, a criatividade do artesão era uma soma da arte com a técnica, o que gerava produtos diversificados e artísticos, ou seja, uma produção com valores artísticos, qualidades que não são possíveis de se observar na produção em massa. A outra característica é que a maioria das atividades voltadas ao artesanato tradicional apresentam certa regionalidade, pois o artesanato está enraizado na região onde foi criado, logo, foi se desenvolvendo junto com os recursos culturais e naturais e por isso gerando menos impacto ambiental, dessa forma o artesanato é uma atividade que incorpora a sustentabilidade ambiental com menos danos ao ecossistema. A regionalidade também é uma qualidade muito própria, sendo assim aumenta a diversidade cultural, ou seja, a atividade artesanal possui diversidade de expressão. David Throsby afirma que para aplicar o conceito de

sustentabilidade ao conceito de capital cultural é fundamental a manutenção da diversidade e a conservação do sistema cultural. De acordo com Throsby “A diversidade é uma propriedade importante do capital cultural [...] e esta tem a capacidade de originar novos capitais”, afirmando ainda que “Assim como sabemos que a diversidade biológica é preciosa para a natureza, a diversidade cultural também é essencial para a manutenção do sistema cultural”. Ao mesmo tempo, aponta a importância da manutenção do sistema cultural para a sustentabilidade (THROSBY, 2001, p.44-60). Ou seja, pode se pensar que a ativação da atividade artesanal e a artesanização do design conseguem, através da diversidade, fomentar o aumento da sustentabilidade.

A artesanização do design, do ponto de vista da atividade do design é uma forma de recuperação da diversidade de expressão e da regionalidade. E a recuperação desses dois fatores significam o aumento da sustentabilidade. Até agora, a produção pautada na busca do lucro pelas grandes empresas abandonou as atividades de design no sistema cultural com diversificação de produtos e regionalidade, segregando as atividades inerentes ao design. Tendências de propósito exclusivamente econômico reduziram a sociabilidade e a culturalidade do design, prejudicando assim a sustentabilidade. Mas a artesanização do design no Brasil visa a recuperação da regionalidade e da diversidade do design, fortalecendo o capital cultural. De modo que podemos concluir que é uma forma de inserir o design no sistema cultural. Além disso, a artesanização do design promove atividades que visam a inclusão social e a solução dos problemas sociais e conseqüentemente contribui para a recuperação da sociabilidade e a mudança para um sistema social sustentável. Isto é, o papel do design na formação de uma sociedade sustentável é o de fortalecer o sistema cultural e o capital cultural através da recuperação da diversidade e fortalecer o sistema social através da recuperação da sociabilidade.

2.6 As políticas para o design baseadas na regionalidade e na diversidade

As políticas para o design e o artesanato no Brasil, comprovaram que o design baseado na regionalidade e na diversidade impulsiona a maior aprovação do design brasileiro pelo mundo e cria um valor econômico. E a artesanização passou a apontar as várias funções do design. Mas isso não significa que todas as atividades e políticas relacionadas ao design tiveram sucesso. Por ser o Brasil um país que carrega muitos problemas, em algumas questões as atividades do design não funcionaram. Por exemplo, em 2006 na 1ª Bienal onde foi realizado também o Fórum de Design, não houve quase nenhuma participação do meio industrial e comercial, o que gerou uma grande insatisfação por parte dos designers. Houve inclusive o discurso da representante do PBD, Fernanda Bocorny Messias, e da representante do MBS, Liliane Rank, em que deram ênfase ao rápido avanço do design brasileiro no setor administrativo, porém isso só expôs a falta de confiança entre o meio comercial e industrial e o meio do design. A infiltração do design no meio comercial e industrial ou a cooperação entre eles e um membro ou órgão de design é difícil até mesmo em países desenvolvidos. Pois, para que compreendam o potencial e o significado da atividade do design é necessário um certo tempo e adequações. Além do mais, os próprios envolvidos na produção do design apontam que existem muitas questões ainda a melhorar em relação às políticas, como a melhoria do ensino especializado e a formação de redes de design, entre outras. O designer Naotake Fukushima do conselho editorial do website Design Brasil, que trabalha ativamente na Universidade Federal do Paraná e também no Centro Brasil Design, do Paraná, aponta que “Pelo Brasil ser um país muito grande, existem várias ações e atividades, porém o que acontece é que essas informações não

chegam até as pessoas e essa é a verdade. E para o desenvolvimento da atividade do design é importante uma estrutura de *network* e de intercâmbio em vários níveis” e completa “O ensino da pós-graduação também é uma questão a ser melhorada”. O website Design Brasil tem mais de 15 mil usuários, e 1,3 mil visitantes por dia, e por isso se espera um novo avanço da plataforma. Fabio Souza, que promove o design sustentável no Centro Design de São Paulo diz que “A originalidade do Centro Design de São Paulo vem da junção de vários especialistas, os quais contribuem para a ativação do artesanato e para a promoção do design sustentável através da produção de livretos que apresentam exemplos de aplicação de cada material”. Reafirmando o papel exercido pela organização promotora de design, e sobre a promoção da atividade do design ele dá ênfase à importância do apoio e da compreensão do país como um todo.

Portanto, ao pensar em como devem ser as políticas para incorporar a diversidade, a regionalidade e a sociabilidade na atividade do design, a experiência do Brasil será importante para o Japão também. No Brasil, não é garantida a sustentabilidade quando não há um desenvolvimento no terceiro setor, na economia solidária e nas micro e pequenas empresas. E por isso o que impulsiona a formação de uma sociedade alternativa é a atividade do design baseado na diversidade e na regionalidade. A diversidade consegue elevar o valor cultural e o valor cultural gera o valor econômico, e essa estrutura contribui para as práticas do terceiro setor e para a economia solidária. E para manter a diversidade e a identidade da cultura, a cooperação com a economia solidária ou com o terceiro setor é a chave. A tendência da artesanização do design não é só influenciada pelas políticas industriais e comerciais, mas, também pelas políticas sociais. Assim como os casos do Brasil mostram, fica explícita a interdependência entre as atividades culturais, as atividades sociais e as atividades econômicas. Throsby aponta que a base do princípio da sustentabilidade é a interdependência do sistema (THROSBY, 2001, p.44-60).

O que se espera de políticas para o design que ressaltam a regionalidade e a diversidade é primeiro, compreender os vários

papéis da atividade e assim estabelecer políticas sintetizadas que correspondam a este sistema interdependente. Neste momento, assim como o caso do Brasil mostra, é importante conectar as funções do terceiro setor e da sociedade civil, e a cooperação e intercâmbio das políticas sociais para o artesanato. Adélia Borges, escreveu no seu livro “Design + Artesanato: o caminho Brasileiro” (2012) que desde meados de 1990 quando surgiu o fenômeno da criação, a união entre design e artesanato, envolveu intensamente as inovações sociais que visam a sustentabilidade regional e o empreendedorismo com a economia social e a formação de capital social. E para promover o design que ressalte a regionalidade e a diversidade, a cooperação com as inovações regionais ou com políticas que promovam as empresas, mais efetivas, é indispensável uma abordagem integrada com políticas regionais gerais.

Renato Imbroisi afirma que “O SEBRAE liderou a implementação dos programas que permitiram o intercâmbio entre artesanato e design no Brasil”. A presença do SEBRAE desempenhou um papel importante no intercâmbio entre o artesanato e o design e é altamente sugestivo também como uma organização de auxílio, que tem como premissas as necessidades regionais e a interdependência do sistema. O SEBRAE não objetiva apenas a ativação das micro e pequenas empresas, mas promove atividades que incluem economia solidária e inclusão social, comércio justo e atividades cooperativas, como também empenhou esforços na política cultural e na política social até com pesquisas de base sobre brasilidade, incluindo mapeamentos. Além disso começou a cooperar com outras organizações dando suporte, por exemplo, para a indústria cultural, que abrange micro e pequenas empresas e para o TCI fornecendo suporte tecnológico. Ter a presença do SEBRAE, como um fator promotor das políticas regionais e possuidor de uma estrutura ampla e maleável, tem um grande significado.

Em segundo, a abordagem via política cultural. Atualmente o Ministério da Cultura do Brasil desenvolve várias atividades em torno da diversidade cultural, do direito cultural e da promoção da indústria criativa. Em 2011 lançou o Plano Nacional de Cultura

(PNC)³⁷. O PNC é planejado em três aspectos: 1) a cultura como uma expressão simbólica; 2) a cultura como um direito do cidadão; e 3) a cultura como potencial para o desenvolvimento econômico sustentável social e ambiental. O plano estabelece uma série de objetivos concretos, incluindo a difusão de informações e diretrizes culturais em todos os estados, a promoção do emprego formal no setor da cultura, a introdução da educação sobre a cultura brasileira e as propriedades culturais no currículo da educação básica. Ainda em 2007 inaugurou o programa Mais Cultura³⁸, que é uma política para garantir o acesso do cidadão à cultura e o direito cultural do cidadão é uma medida com base na análise da exclusão social do país todo, para responder às questões sociais como pobreza e desigualdade, e também às necessidades básicas. Em atividades específicas o terceiro setor também está envolvido.

Uma das sugestões do Ministério da Cultura, através dos programas e do direcionamento das atividades, é a cultura como direito do cidadão, ou seja, é a aplicação do direito cultural na área de design. É necessário haver medidas políticas que estabeleçam no cotidiano do cidadão o direito cultural que inclua o conceito de inclusão social. O professor de design industrial da Faculdade Oswaldo Cruz, Luis Emiliano Costa, na 1ª Bienal Brasileira de Design diante dos vários produtos artesanais expostos disse: “Até agora, nunca foi notada tanta riqueza no artesanato brasileiro” louvando a ascensão do artesanato. Ele apontou que a ascensão se deve às várias ajudas por parte de diversas organizações e grupos. E afirmou: “O artesanato brasileiro é conhecido por ser muito popular e híbrido”. As pessoas e o artesanato que foram abandonados pela atividade econômica, agora estão gerando novos valores culturais e isso para a formação de uma sociedade sustentável é muito significativo. Porém, se o capital cultural criado pelos artesãos não conceder benefícios a todos, o direito de acesso à cultura para todos os cidadãos (incluindo os próprios artesãos) ou seja, o direito cultural, será difícil manter um sistema que gere valores culturais próprios. O sistema cultural se tornará mais sustentável se todos os cidadãos se tornarem receptores e tiverem igualdade de acesso à cultura e se melhorar a qualidade de vida de todos.

Silvia Sasaoka mostra a estrutura hierárquica da atividade do design em forma de pirâmide e demonstra que “A cooperação entre o designer e o artesão local trouxe melhoras no quadro de pobreza que a região apresentava. No entanto, a maioria dos designers vem de famílias ricas, além disso, os benefícios do design dos produtos de boa qualidade são basicamente limitados aos ricos, que se encontram no topo da pirâmide. Já as pessoas que fazem artesanato nas regiões precárias, estão na base da pirâmide. Essa realidade da desigualdade precisa ser mudada! Alguns jovens de famílias pobres, por meio do Artesanato Solidário conseguiram estudar em faculdades especializadas, no entanto esse número ainda é muito pequeno”. O Japão não apresenta questões como uma desigualdade social tão gritante como o Brasil, no entanto, a dificuldade de estabelecer direitos culturais é a mesma no Japão. Por exemplo, muitas pessoas acabam desistindo dos seus cursos e de estudar design por causa de problemas financeiros. Por esse motivo é necessário ter uma estrutura que ofereça ensino especializado e treinamento para qualquer pessoa que queira estudar, que tenha motivação e habilidade, e isso talvez seja algo que o Japão precise fazer futuramente.

O pré-requisito necessário para estabelecer os direitos culturais é a compreensão da cultura pelos cidadãos, no caso, a compreensão da atividade do design é indispensável, o significado e suas diversas funções. E para promover o design que possui como características a regionalidade e a diversidade, é necessário considerar a atividade do design como uma atividade cultural e compreendê-la como um bem público. Para que todos os cidadãos compreendam a atividade de design é preciso considerar o planejamento da educação geral primeiramente. No Japão, a educação artística tem estabelecido o ensino de design, o que pode estar funcionando como um ensino da sensibilidade e de técnicas. Porém é difícil pensar que seja algo que facilite a compreensão das próprias atividades do design. Pois, no ensino escolar é raro ensinar-se como a atividade do design do mundo real pode influenciar o sistema cultural, social, econômico e ambiental e qual o significado disso. Pode-se afirmar o mesmo sobre o ensino especializado do

design. No Brasil as universidades e as organizações de ensino especializado detêm a chave para a promoção do design social e do ecodesign através do artesanato. A Professora Associada da Universidade de São Paulo, Maria Cecilia Loschiavo, incluiu no curso de design um projeto que desenvolve atividades sustentáveis com a população sem teto. Ela critica a situação real do ensino especializado de design: “A atividade do design tem uma reciprocidade com outras áreas e desde o início é algo acadêmico, sintético, intersetorial. Apesar disso, não é um conteúdo educacional que pode ser aprendido com pesquisa e prática em outros campos”. Para entender os diversos papéis do design e dos direitos culturais implícitos é necessária uma estrutura de ensino que permita aprender com outras áreas. Para compreender o lado social e o lado cultural da atividade do design é necessário, no mínimo, ter conhecimentos em ciências sociais e por isso é necessária uma revisão do ensino especializado de design que tenha como pré-requisito o direito cultural.

Além do mais, a forma como devem ser as políticas das indústrias criativas, os esforços e a orientação básica no Brasil e na América Latina, sugerem um ponto de vista importante para nós. Primeiro, estes países entendem a área do artesanato como uma importante indústria criativa para se garantir a sustentabilidade. Com essa consciência, vários esforços foram feitos. Um deles é o projeto "CREATE" implementado por iniciativa da UNESCO como um esforço no nível do Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, e sub membros Chile e Bolívia). Desde 2006 o Fórum e a Feira da Indústria Criativa entre outros, têm sido realizados em várias partes da região. Nesta ação o artesanato foi classificado como um elemento importante para o desenvolvimento sustentável junto com a indústria têxtil e de vestuário³⁹. Também mostra a afinidade com a economia solidária. Segundo, incorporar o conceito de inclusão social dentro da promoção das indústrias criativas. No Plano da Secretaria da Economia Criativa, publicado em 2011, a inclusão social é um dos princípios da economia criativa juntamente com a diversidade cultural, inovação e sustentabilidade. Por exemplo, na promoção da economia criativa na área do artesanato estão sendo fomentadas ações como o empreendedorismo de

microempresas, financiamento em crédito para as cooperativas, programas de ensino de artesanato, participação em eventos gratuitos e garantia de acesso a pontos comerciais em feiras e eventos. A ação da indústria criativa que inclui o conceito de inclusão social, irá fortalecer os sistemas sociais e culturais sustentáveis, indispensáveis para as políticas de design que ressaltam a diversidade e a regionalidade.